



Fatumata e Aissato, mãe e filha primogénita em "Terceiro Andar", de Luciana Fina

Otimismos da colheita lusa

Uma apreciação transversal dos filmes portugueses apresentados este ano pelo DocLisboa. O festival anuncia o palmarés esta noite

TEXTO FRANCISCO FERREIRA

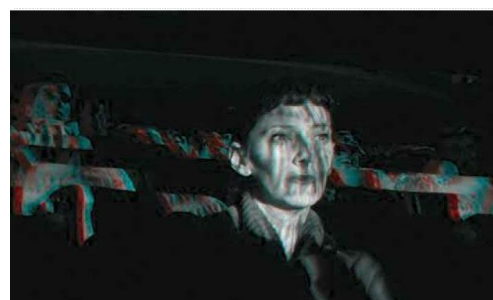
E

m dia de balanço e de prémios (a sessão de encerramento é hoje, às 21h, na Culturgest), viramos as atenções para algumas obras portuguesas em que este 14º DocLisboa apostou. É justo — e sem querermos menozizar o esforço de todas as outras — frisar o contributo da CRIM e da Terratreme, as duas produtoras portuguesas que mais importância conquistaram nesta década de cinema luso, dentro e fora de portas. Este Doc evidenciou o momento de qualidade que atravessam. Foi a CRIM que produziu "Correspondências", de Rita Azevedo Gomes, filme que faz vibrar no presente

a inteligência, a sensibilidade, a urgência política inscritas nas cartas trocadas entre Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andresen (é um filme especial, e o Doc sabe-o, levando-o para a Competição Internacional), mas também "How I Fell in Love With Eva Ras", de André Gil Mata (secção Riscos), viagem pelo cinema dos Balcãs e pela sua história recente. Qualquer discussão sobre a importância do

cinema português em 2016 não pode dispensar estes filmes. Da parte da Terratreme, chegaram-nos (produzidas ou em coprodução) três obras: "Ama-San", de Cláudia Varejão (um ano forte para esta cineasta do Porto, que já no início do ano assinara um documentário em torno dos 40 anos da Companhia Nacional de Bailado, "No Escuro do Cinema Descalço os Sapatos"), "A Cidade Onde Envelheço", da brasileira

Marília Rocha (e protagonizado por duas atrizes portuguesas), assim como "Terceiro Andar", de Luciana Fina, complementado por uma instalação (um díptico) patente no CAM, na Gulbenkian. Note-se que, à parte "Terceiro Andar", todos os citados vêm de um percurso já iniciado em diversos festivais internacionais. Outro filme nestas condições de que gostámos muito, estreado em



Área: 957cm² / 37%

Tiragem: 123.400

FOTO: 4 Cores

ID: 5546859

Roterdão (tal como o de Marília Rocha), é a 'rêverie kino-dinâmica' a 3D "O Espectador Espantado", a melhor entrada em anos recentes de uma obra única no mundo. Que belo gesto, e com um sentido de humor tão acertado, nos deixa aqui Edgar Pêra (produção da Bando à Parte), com um filme 'que nos olha' e interroga o nosso lugar de espectadores (nesse lugar que é em tudo de ritual, de assombro, de exorcismo e de desejo), através da experiência e dos depoimentos de vários convidados (Eduardo Lourenço, Augusto M. Seabra, F. J. Ossang...). Sempre disposto a problematizar o que nos é dito, o espírito crítico de Pêra é aqui total e chega a ganhar contornos épicos de maldição com o testemunho do crítico alemão Olaf Möller, que ameaça com o Demo em defesa de preciosos princípios. Alta comédia.

De "A Cidade Onde Envelheço" guardaremos as sugestões, os não-ditos, as indecisões que variam nos estados de espírito que atravessam Francisca e Teresa, amigas, portuguesas, não muito próximas, que se reencontram em Belo Horizonte. Despertam-nos um mistério: vivem elas as suas vidas ou são as vidas das suas personagens que vão, a pouco e pouco, crescendo na nossa perceção? No limite, quem ficciona é sempre o espectador. A este, exige "Ama-San" tempo e entrega ao levar-nos para o quotidiano daquelas mergulhadoras de Wagu (vila costeira do Japão), elas que têm algo de homérico quando respigam o fundo do mar, prolongando nesse trabalho uma tradição de milénios. Também aqui se pensa bastante na cumplicidade entre quem filmou e foi filmado e num ponto de vista da cineasta que, quem sabe se por pudor, se resguarda, deixando-nos 'à mercê' das personagens e do investimento que cada um fará nelas. Já dos filmes (e é coincidência) com menos de 30 minutos, todos alheios

a convencionalismos, é certo, sentimos que havia sobretudo muito barro para moldar e mais trabalho a fazer (e ainda assim, nota de simpatia por "Downhill", de Miguel Faro, e pelos seus *skaters* que deambulam na noite urbana, sem 'tese para provar').

Por fim, "Terceiro Andar", de Luciana Fina, que muito impressionou. Tantas histórias de mulheres se viram, esta tocou fundo. Passa-se num prédio, e num andar, do Bairro das Colónias, em Lisboa, onde a cineasta também vive (conta a sinopse, não o filme). Os planos, intramuros, são cerradíssimos. A liberdade, numa noção que aqui é de grande amplitude, vem antes do som e das histórias que geram outro espaço que não está no ecrã. São histórias imaginadas e de amor, debatidas por duas mulheres, mãe e filha primogénita de uma família numerosa, Fatumata e Aissato, guineenses e muçulmanas. Elas falam de ideais de felicidade. Imaginamos que o fora de campo do filme, que é o da realidade da vida delas, será bem mais terreno e difícil. Mas dizer tudo isto é já dizer de mais, é já pregar uma rasteira ao filme porque "Terceiro Andar" está desde o início daquele 'lado de lá', daquela utopia traduzida pelas duas mulheres. Luciana Fina não informa. Nada. Resiste a isso e há todo um programa político aqui. Informar já é diferenciar. Correr o risco de um exotismo. Criar uma barreira em relação a quem vemos. "Terceiro Andar" é antes um filme que, socorrendo-se de inusitados movimentos de câmara entre os diferentes pisos do prédio, vai perseguir raízes, a hipótese de uma comunhão. É um filme a florir. Como uma árvore que só se deixará ver por inteiro no último plano. ●

O Doc exhibe os filmes premiados amanhã no São Jorge, às 16h15, e no Grande Auditório da Culturgest, às 19h e 21h30.

Mais informações em www.doclisboa.org



Da esquerda para a direita, "A Cidade Onde Envelheço", de Marília Rocha, "O Espectador Espantado", de Edgar Pêra, e "Ama-San", de Cláudia Varejão

